



## ***Conversa de Botequim na universidade: uma resposta a Noel e a sociedade***

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO PROCESSOS CRIATIVOS EM MÚSICA POPULAR

*Jean Presser*

*UFRGS – jeanpresser@gmail.com*

**Resumo:** Os cursos de Música Popular nas universidades do Brasil são recentes e abrangem um público advindo de diferentes classes sociais, econômicas e com grande diversidade cultural. Essa confluência se dá em sala de aula e manifesta-se através da negociação de repertórios e do fazer musical coletivo, a qual proporciona uma aparente isonomia a seus estudantes. O presente texto trata da possibilidade da composição de um rap que contextualiza o cotidiano brasileiro, criado por um aluno do curso de Música Popular em resposta à música de Noel Rosa, “Conversa de Botequim”, de 1935.

**Palavras-chave:** Ensino superior. Música popular. Sociologia da educação musical. Rap.

**Botequim Talk at the University: A Response to Noel and Society**

**Abstract:** The courses of Popular Music in the universities of Brazil are recent and cover an audience coming from different social classes, economic and with great cultural diversity. This confluence occurs in the classroom and manifests itself through the negotiation of repertoires and the collective musical making, which provides an apparent isonomy to its students. The present text deals with the possibility of composing a rap that contextualizes Brazilian daily life, created by a student of the Popular Music course in response to Noel Rosa 's song "Conversa de Botequim", 1935.

**Keywords:** Higher education. Popular music. Sociology of musical education. Rap music.

Sou professor do ensino superior de Música e concluí o doutorado em Música na subárea de Educação Musical. O tema da minha pesquisa girou em torno de um público experiente, que já trabalha com música antes mesmo de ingressar na Universidade. Vindos com uma grande bagagem musical e, em muitos casos, tendo outras formações e profissões, a Universidade hoje passa a receber um público que não vinha encontrando espaço para o seu saber, bem como para uma nova forma de ensinar e aprender música na academia – a da música popular.

As discussões sobre a inserção da música popular na academia estão presentes no Brasil pelo menos desde o fim da década de 80 quando, ousadamente, a Universidade de Campinas (UNICAMP) tornou-se a primeira a oferecer o curso superior em música popular, em 1989. Foi a partir do pioneirismo da UNICAMP que outros cursos, como o da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), o da Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG) e o da Universidade Federal da Bahia (UFBA), passaram a oferecer cursos regulares na área da Música Popular.

O “pertencimento” da música popular nas escolas e academias é discutido por Lucas (1992) quando lembra que não há consenso universal nas concepções estéticas e pedagógicas sobre o seu acolhimento e sua aceitação. Travassos (1999) também ressalta que: “há muito debate [...] em torno do “cânone” musical, dentro e fora dos perímetros acadêmicos, gerando bandeiras que podem ser empunhadas por críticos do elitismo e do eurocentrismo costumeiramente associados à definição de uma música artística” (p.121).

Desde esses debates ocorridos na década de 1990 tem havido um número crescente de proposições para inserir a música popular no ambiente acadêmico procurando dar a mesma atenção para o seu estudo como é dada à música ocidental europeia que compõe o tradicional repertório dos cursos superiores de música. E neste sentido, o jazz há muitos anos já se legitimou como pertencente a alguns currículos de universidades americanas por ser entendido como um patrimônio e uma produção cultural dos Estados Unidos e, portanto, deve ser preservado e ensinado neste ambiente de transmissão de conhecimento de maneira formal por se tratar de um fazer artístico (MIDDLETON, 1990 apud TRAVASSOS, 1999).

Tendo em vista esses precedentes é que se pode melhor compreender a criação de um Bacharelado com ênfase na música popular, implementado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul somente em 2012.

Sou professor da disciplina de Prática Musical Coletiva (PMC), onde alunos do Bacharelado em Música Popular, vindos de diferentes classes sociais e experiências pregressas musicais, devem fazer música juntos. A negociação do repertório a ser estudado e tocado ao longo do semestre é sempre um momento de discussão de gostos e vivências musicais. Do meu ponto de vista, muito rico, pela diversidade que trazem, porém, negociação muito disputada e trabalhosa – e eventualmente frustrante para alguns alunos que não tem seu gosto musical acatado pelo grupo.

Foi em uma turma de PMC VI que houve a combinação de escolhermos um choro de Noel Rosa, gênero consagrado na história da música popular brasileira, para trabalharmos um novo arranjo. Entre tantos, a música escolhida foi “Conversa de Botequim”, do ano de 1935. Esta canção é uma crônica sobre o cotidiano de um sujeito comum que a canta/conta ao garçom que lhe atende em um bar. A seguir a letra original de Noel Rosa:

Seu garçom faça o favor de me trazer depressa  
Uma boa média que não seja requentada  
Um pão bem quente com manteiga à beça  
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada  
Feche a porta da direita com muito cuidado  
Que não estou disposto a ficar exposto ao sol  
Vá perguntar ao seu freguês do lado  
Qual foi o resultado do futebol

Se você ficar limpando a mesa  
Não me levanto nem pago a despesa  
Vá pedir ao seu patrão  
Uma caneta, um tinteiro  
Um envelope e um cartão  
Não se esqueça de me dar palitos  
E um cigarro pra espantar mosquitos  
Vá dizer ao charuteiro  
Que me empreste umas revistas  
Um isqueiro e um cinzeiro

Telefone ao menos uma vez  
Para três quatro, quatro, três, três, três  
E ordene ao seu Osório  
Que me mande um guarda-chuva  
Aqui pro nosso escritório  
Seu garçom me empresta algum dinheiro  
Que eu deixei o meu com o bicheiro  
Vá dizer ao seu gerente  
Que pendure esta despesa  
No cabide ali em frente

Após uma análise da música e da interpretação da letra, passamos para as combinações sobre o novo arranjo. Havia uma disposição daqueles alunos em utilizarem instrumentos eletrônicos, como teclados e sintetizadores, bem como a utilização de uma trilha base, para disparar uma base rítmica com a bateria eletrônica programada por um outro colega.

Depois de duas aulas de 2 horas e 40 minutos trabalhando sobre este arranjo, lembrei-me que entre aqueles alunos havia um que escrevia rap. Sugeri como desafio que escrevesse uma letra a Noel Rosa, contando como estavam as coisas no Brasil de 2015, 80 anos após a composição da música original. O aluno aceitou a ideia e foi apoiado pelos colegas que sabiam dessa sua habilidade. Ele levou apenas 20 minutos para criá-la usando o bloco de notas do seu celular para registrá-la. Por algum tempo permaneceu fazendo rimas, A seguir a letra do rap:

O garçom foi demitido e a mesa tá vazia  
A boa média requentada já ficou bem fria  
Um pão quente com manteiga é tudo o que nos resta  
E água limpa em Mariana já seria festa  
Falar da porta da direita tem que ter cuidado  
Vai ser tachado de coxinha ou então petralhado  
E o sertão ainda tá como peixe no anzol  
Não tem escolha infelizmente morre exposto ao sol  
O futebol, tem, mas eu não pude ir  
Fiquei limpando a mesa pra ver a minha mãe sorrir  
Dia de folga e descanso só para o patrão  
Eu sempre fui caneta tinteiro e coração  
A Amazônia tá acabando pra virar palito  
Tem uma pá de bicho extinto e ainda tem mosquito  
Sem charutos e cigarros em lugar fechado  
Posso até dizer que o mundo aqui tá bem mais chato

Mas tem muita alegria, muita felicidade  
Finalmente o rap entrou na universidade

## Bacharelado, sim, em Música Popular

Já dizia o pica-pau: “Lar, doce lar”.

A letra do rap veio em forma de rap, frase a frase, a letra de Noel. Foram contextualizadas as situações econômica, social, ambiental, política, e por fim, como um alento, a educacional, trazendo a boa nova do rap no novo curso de Música Popular. A letra ia sendo apresentada e os colegas iam acompanhando cada frase e se surpreendiam com aquela habilidade de contar a vida cotidiana de forma tão direta.

A avaliação dos trabalhos da disciplina Prática Musical Coletiva aconteceu no auditório do Instituto de Artes e um horário combinado para todas as turmas. Justamente o aluno que criou a letra do rap não poder comparecer à prova, que estava marcada para um horário que colidia com o horário do trabalho dele. A solução criada pela turma foi gravar a participação do rapper e projetá-la junto à performance do grupo, no dia da apresentação.

Mais uma vez, a própria arte reproduz a história de vida ilustrada no rap. Assim como ele, muitos outros alunos concorrem com seus horários de aula e trabalho e se vem, em muitas das vezes, obrigados a desistir de disciplinas ou de trabalhar, para puder cursar uma graduação.

Por entender que a música é aprendida através das relações sociais cotidianas, das experiências não somente formais de ensino e aprendizagem musicais (SOUZA, 2000) e que a música popular constitui um campo privilegiado para a análise dos imaginários sociais deste cotidiano (PAIS, 2009), o recado à sociedade, no sentido do pertencimento da música popular ao espaço acadêmico, bem como da representatividade de um público até então sem voz, foi neste rap contemplado, na primeira chance dada de serem ouvidos dentro deste novo curso de Música.

### Referências:

JORNAL DA UNICAMP. Curso de Música Popular, uma ousadia. Campinas, s.d. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/outubro2006/ju339 pag23.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2006/ju339_pag23.html)>. Acesso em: 5 dez. 2011.

LUCAS, Maria Elizabeth. Música popular à porta ou aporta na academia? Em Pauta, Porto Alegre: Curso de Pós Graduação em Música/UFRGS, v. 4, n. 6, dez. 1992.

PAIS, José Machado. Artes de musicar e de improvisar na cultura popular. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.138, p.747-773, set./dez. 2009.



SOUZA, Jusamara (Org.). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Corag, 2000.

TRAVASSOS, Elizabeth. Redesenhando as fronteiras do gosto: Estudantes de música e diversidade musical. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 5, n. 11, 119-144, out. 1999.